

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO PRESENCIAL - GT 04:  
ESPIRITUALIDADES E EDUCAÇÃO: EPISTEMOLOGIAS EMERGENTES,  
FORMAÇÃO HUMANA E HORIZONTES METODOLÓGICOS

**IGUALDADE E EMANCIPAÇÃO EM FREIRE E JACOTOT/RANCIÈRE.**

*Dinora Tereza Zucchetti (dinora@est.edu.br)*

*Lovani Volmer (lovani@est.edu.br)*

Resultante de uma atividade didático-pedagógica desenvolvida no componente curricular Educação Inclusiva, do Programa de Pós-Graduação em Teologia das Faculdades EST – Escola Superior de Teologia, este estudo compara as concepções de igualdade e emancipação em Paulo Freire, especialmente na obra *Pedagogia da autonomia* (1996), e em Jacques Rancière, a partir da experiência de Joseph Jacotot, apresentada em *O mestre ignorante* (2002). O artigo de Walter Kohan, “Paulo Freire e o valor da igualdade em educação” (2019), constituiu referência articuladora para identificar convergências e divergências entre as perspectivas analisadas. Consideram-se, nessa comparação, as diferentes realidades culturais e os contextos históricos dos autores: o início do século XIX, no caso de Jacotot, e as últimas décadas do século XX, no de Freire. Ambas as perspectivas convergem na crítica aos métodos educativos tradicionais, fundamentados em hierarquias autoritárias e na suposta incapacidade intelectual dos estudantes. Freire questiona a “educação bancária”, na qual o professor se apresenta como detentor do conhecimento e os estudantes assumem uma posição passiva, a fim de verificar a aprendizagem por meio de provas avaliativas. Rancière, por sua vez, problematiza a figura do “mestre explicador”, cuja mediação tende a reforçar a

dependência intelectual dos aprendizes. Para ambos, educar não significa transferir conhecimentos prontos, mas favorecer a construção autônoma e responsável do saber. Quanto à igualdade, os autores rejeitam a hierarquização dos sujeitos em razão de seus conhecimentos, posições sociais ou títulos acadêmicos. Para Rancière/Jacotot, a igualdade das inteligências constitui um pressuposto, e não uma meta a alcançar. Freire, embora também reconheça a capacidade dos sujeitos de produzir conhecimento, articula a igualdade às dimensões éticas, epistemológicas, sociais e políticas, destacando as desigualdades concretas como obstáculos à emancipação. Em ambas as abordagens, as diferenças entre os saberes científicos e populares, ou entre pessoas com e sem escolarização formal, expressam trajetórias distintas, não inferioridade intelectual. No que se refere à emancipação, os autores valorizam o estudante como sujeito ativo, capaz de investigar, relacionar, verificar e construir conhecimentos. Também defendem a superação de relações pedagógicas autoritárias. Entretanto, enquanto Rancière/Jacotot enfatiza a emancipação intelectual individual, baseada na igualdade das inteligências e na dispensa do mestre explicador, Freire compreende a emancipação em sua dimensão coletiva, articulando conscientização e diálogo à transformação das estruturas sociais de opressão. Conclui-se que, apesar das diferenças teóricas e históricas, ambos compreendem a igualdade como pressuposto da prática educativa emancipadora, e não como promessa futura. A emancipação, nesse sentido, exige reconhecer a capacidade intelectual dos sujeitos e criar condições para o exercício de sua autonomia e liberdade.

Palavras-chave: emancipação; autonomia; freire; jacotot/rancière.